

# FRANCISCA PIRES: A MISSIONÁRIA DA EDUCAÇÃO E DA FÉ

Umberto de Araújo Medeiros <sup>1</sup>  
Josineide Silveira de Oliveira <sup>2</sup>

## RESUMO

A reconstituição da vida dos habitantes da cidade de São Vicente/RN a partir da vivência educacional/social e religiosa da professora e catequista Francisca Pires de Albuquerque, entre os anos de 1940 e 1960 constitui a base de pesquisa deste artigo. Dotada de muitos saberes, como uma maestrina, utilizou os seus conhecimentos educacionais, cívicos e principalmente religiosos para tecer e desenvolver a pacata vila, e sob o seu olhar, viu transforma-se em cidade e evoluir nos aspectos sociais e religiosos. A investigação foi processada a partir de relatos de fatos, narrativas de experiência e consulta a fontes documentais. Os ensinamentos permeavam as diversas áreas de conhecimento propiciando uma religação dos saberes a partir da realidade social dos seus educandos e da comunidade. Com uma visão de futuro, a professora consegue moldar a vida dos habitantes da comunidade e instigar o desenvolvimento deste povo. Por dispor da capacidade de religar as diversas áreas de conhecimento, a formação oferecida aos seus alunos apresentava um embasamento que podemos entender como conhecimento pertinente.

**Palavras-chave:** Professora; Conhecimento Pertinente; Religião; Religação; Complexidade;

## INTRODUÇÃO

Entender a formação educacional e histórica da cidade de São Vicente, localizada no interior do Rio Grande do Norte, recruta valer-se de traços biográficos de pessoas públicas que deram as suas vidas para a constituição desse povo. Nesse pedaço do Seridó, não se pode perpassar estas fases históricas sem recorrer à pessoa de Francisca Pires de Albuquerque, uma missionária que deixa sua terra natal, Acarí/RN e faz morada na pacata vila Luísa, atualmente São Vicente, com objetivo de educar o povo para as exigências do viver entre os anos de 1940 a 1960.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - RN, [umberto.filosofo@gmail.com](mailto:umberto.filosofo@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - RN, [josilveira02@gmail.com](mailto:josilveira02@gmail.com);

Com uma missão inicial de repassar os conhecimentos educacionais e religiosos aos seus alunos que não dispunham de um ambiente educacional na pequena vila, assume a função de mestre e vai direcionando a vida do povo, com vistas ao desenvolvimento social. Apoiada pela Igreja Católica, Francisca Pires vai tecendo caminhos de progresso para a comunidade que hora se desenvolve. Dotada de uma visão de futuro extraordinário, assume uma dimensão complexa de conhecimento. Compreendendo como Morin (1997, p. 32) a complexidade como “um tecido (*complexus*: o que está tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: apresenta o paradoxo do único e do múltiplo”, podemos entender como a professora/catequista vai tecendo seu trabalho pedagógico utilizando as diversas áreas do saber. Uma professora, dotada de conhecimentos simples, mas com uma grande visão de futuro. Mais que ensinar a ler, escrever e contar, a mestra busca direcionar seus discípulos pelos caminhos da educação religiosa, cívica e profissional. A partir dessa práxis educativa a escola passa a ser o ponto de ordenamento da comunidade.

## **METODOLOGIA**

A diversidade de estratégias, metodologias, áreas de conhecimentos e conteúdos utilizados pela professora e catequista Francisca Pires de Albuquerque para o seu lecionar na comunidade de São Vicente/RN permitem associá-la a uma abordagem complexa, caracterizado como “um método vivo, em permanente reconstrução, capaz de articular objetividade e subjetividade” (ALMEIDA, 2017, p. 38). Partindo do método vivo, que se detem na dinâmica do processo e acolhe a emergências dos desafios que se apresenta no curso da pesquisa, nossa investigação privilegiou a escuta de relatos, a descrição dos fatos, consultas a fontes documentais e entrevistas semiestruturadas, respeitando o fluxo dos acontecimentos.

A fundamentação teórica escolhida para a reflexão deste trabalho está pautada nas obras *Introdução ao Pensamento Complexo* (1997), *Meus Demônios* (2003), *Ciência com Consciência* (2005), *Os Sete Saberes Necessários Para a Educação do Futuro* (2012) e *Meus Filósofos* (2014), de Edgar Morin, bem como em *Emergências de Complexidade, Reinvenção da Universidade* (2018) de Almeida e Reis, *Ciências da Complexidade e Educação* (2017) de Maria da Conceição de Almeida, *Sociologia do Presente, Ciência da Cultura, Complexidade* (2019) de França e Almeida, *Excrementos*

*do Sol* (1995) de Teresa Vergani e na *Carta Encíclica Evangelii Gaudium* (2013), do Papa Francisco.

Das obras de Edgar Morin abstraíram-se os conceitos de religação de saberes e de conhecimentos pertinentes, que servem para a vida. Estes conceitos foram importantes para entender o desenvolvimento da trajetória educacional, social e religiosa trabalhadas por Francisca Pires para com os seus alunos e com a comunidade, considerando que, mesmo de modo involuntário, a professora articulava as diversas áreas de conhecimento, através de uma educação complexa, para a formação do seu povo, que tanto prezava e defendia, com o intuito de desenvolver socialmente.

Para a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo; dos conhecimentos derivados das ciências humanas, para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humana, bem como para integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia e as artes (MORIN, 2012, p 44).

Com uma a visão à frente de sua época, buscava desenvolver conceitos e saberes em seus educandos que os propiciassem a uma educação integral, uma educação do futuro. Prezava pela não exclusão da relação entre os conhecimentos educacionais, sociais, civis e religiosos, buscando uma educação complexa.

Da obra *Excrementos do Sol* de Teresa Vergani abstraímos o conceito de cultura e a sua aplicabilidade para compreensão dos desenvolvimentos da sociedade. A autora nos assegura que “a cultura é aquilo que torna o todo (social) alegremente maior que a soma das partes” (VERGANI, 1995, p. 25). E esta análise do todo, com uma consequência cultural, foi um dos aspectos que direcionou as ações de Francisca Pires no seu trilhar comunitário.

A *Carta Encíclica Evangelii Gaudium* (2013) do Papa Francisco, nos embasa a entender a insistência permanente da Igreja aos seus fiéis no sentido da doação de suas vidas em prol da missão evangelizadora e da consolidação da vida em abundância para todos os homens. Respeitando-se os imperativos de cada tempo histórico compreende-se o apelo feito aos missionários de ontem e de hoje, e, nesses termos inclui-se a abnegação da vida feita por Francisca Pires, seu propósito em servir como missionária nas terras vicentinas, procurando sempre desenvolver a comunidade, fortalecendo os diversos aspectos sociais, dentre os quais, o religioso.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *Uma Mulher, Muitos Saberes!*

Uma das características importantes cultivadas pela educadora Francisca Pires como metodologia de ensino para os habitantes da pacata cidade de São Vicente/RN, foi a alternância dos conhecimentos repassados para seus alunos. Para além do ensinar a ler, escrever e contar também se incluem os ensinamentos cívicos, domésticos e religiosos. A professora procurava repassar os seus ensinamentos de forma natural, no qual os alunos pudessem vivenciá-los no seu dia-a-dia e colocar em prática da vida.

Os pais depositavam na mestra não só a responsabilidade de repassar os conhecimentos escolares aos seus filhos, mas também a prática disciplinar. A ela, era confiada a missão de educar as crianças, mesmo que os diversos artefatos didáticos propiciassem medo e opressão, como por exemplo, a palmatória<sup>3</sup>, ao uso da força física e moral, pois conforme relatos de suas ex-alunas, todos tinham medo da “madrinha Chiquinha Pires”.

Mulher de voz forte e de grande estatura depositava nos rigores morais da época o modo de formar as crianças para a cidadania, que perpassava sempre pelo vínculo da constituição religiosa no catolicismo. Nem todas as crianças tinham acesso a frequentar o espaço educacional, nem todas as crianças tinham o direito a iniciar os seus estudos. Este era reservado a uma pequena porção de habitantes, pelos quais os pais dispensavam dos serviços braçais, com destaque para a colheita da agricultura de subsistência, a confecção de vassouras de palhas e de cachimbos, objeto utilizado pela grande maioria dos habitantes idosos para queimar o fumo de rolo.

Com a formação das primeiras turmas, com crianças e adolescentes em idade entre 7 e 14 anos, a professora foi adequando a sua residência com os móveis doados pelo padre da freguesia para a formação da pequena escola. Não se tratava inicialmente de um ambiente formal, com organização de secretaria e demais espaços acadêmicos. A escola de Chiquinha Pires era na sala de sua casa, onde se tinha a visão de todos os espaços da residência e da Capela de São Vicente Férrer. Durante muitos anos, a escola

---

<sup>3</sup> Espécie de régua de madeira, com uma das extremidades em forma circular, geralmente marcada por cinco furos em cruz, com a qual antigamente pais e professores castigavam as crianças, batendo-lhes com ela na palma da mão. (AURÉLIO, Buarque. Disponível em <https://www.dicio.com.br/palmatoria>. Acesso em 06/09/2020.

funcionou na sala de estar de sua residência, na Rua Joaquim Adelino de Medeiros, na comunidade da “Rua Velha”<sup>4</sup>, em uma casa cedida pela Capela de São Vicente Férrer, padroeiro da Cidade de São Vicente/RN.

De acordo com relatos de suas ex-alunas Maria Ambrozina de Medeiros (84 anos) e Elvira Maria de Medeiros (85 anos), a vinda da professora supracitada da cidade do Acari/RN para o povoado de São Vicente/RN, foi um pedido e intermédio do Pe. Ambrósio Silva, então Pároco de São Sebastião de Florânia/RN, ao qual o povoado de São Vicente pertencia, a fim de propiciar uma educação inicial para as crianças que eram desprovidas de assistência educacional.

Não há dados concretos da formação acadêmica da professora. O que se sabe pelos depoimentos é que ela era uma mulher muito inteligente e tinha uma boa oratória, o que lhe permitia desenvolver bem os papéis de professora e catequista da comunidade. De acordo com as ex-alunas, Francisca Pires tinha terminado os estudos na cidade do Acari, com um ciclo educacional correspondente a 4ª série do Ensino Fundamental (Atualmente 5º ano do Ensino Fundamental). Detentora deste nível de conhecimento, ela traz consigo a difícil missão de educar os vicentinos, a iniciar pelas crianças. Apesar de possivelmente não possuir diplomas acadêmicos, o desenrolar de sua vida docente a caracterizava como uma referência do saber escolar. Pode-se, hoje, atribuir a Francisca Pires o posto de intelectual no sentido do que qualifica Edgar Morin:

O termo intelectual tem uma significação missionária, divulgadora, eventualmente militante. Assim, a qualidade de intelectual não é determinada pela integração profissional na *intelligentsia*, ela vem de um uso ou da superação da profissão nas ideias. (MORIN, 2003, p. 205)

Francisca Pires era sim uma militante social. Procurava com seus conhecimentos dirigir o rumo da comunidade de São Vicente. Uma missionária do saber. Buscava desenvolver nos alunos, nos pais e na comunidade em geral o apresso pelo conhecimento, tão necessário para o crescimento da pequena vila. Era uma divulgadora das crenças e rituais que julgava necessário para o equilíbrio social e psicológico do povo.

A sua vinda para a comunidade caracterizou-se como um divisor de águas, pois agora, baseados no educar das letras e da fé, as pessoas estavam encontrando rumos que

---

<sup>4</sup> Primeira Rua do povoado de São Vicente/RN, na época pertencente à Cidade de Florânia/RN.

os direcionassem ao crescimento social e pessoal. Apresentava como base para o seu lecionar o conhecimento do mundo por meio do ser humano. O ato de apadrinhar todas as crianças que a ela eram confiadas, era uma forma de arrebanhá-las para o seu redil de conhecimentos. Não tinha o intuito de conferir títulos as crianças. Antes, procurava formá-las para as necessidades que iam surgindo na sociedade emergente e direcionava as crianças a darem respostas aos anseios que os pais tinham, que era de integrar os seus filhos no mundo social que estava se desenvolvendo no pequeno vilarejo.

Procurava admitir as crianças e suas famílias. Tratava o humano como humano, conhecendo-os de modo particular, pessoal, pois como nos diz Morin, “Conhecer o humano é, antes de tudo, situá-lo no universo, e não separá-lo dele” (2012, p. 43). Direcionava as crianças e suas famílias para o seu papel no mundo em que viviam, mostrando-os a importância da sua relação com os demais membros da comunidade, com a natureza, da qual tiravam os seus sustentos e com o Sagrado, que lhes davam forças e incentivo para continuarem a luta neste torrão nordestino.

Buscava nas letras, na moral e na religião o suporte técnico para o seu ensinar. Mostrava que naquele momento da história, a vinda e permanência das crianças no ambiente escolar e religioso era algo crucial para o crescimento daqueles alunos aos quais os pais desejavam que crescessem na vida, que se desenvolvessem e se destacassem na formação profissional. Desta forma, a simples professora, que dava aula na sala de estar de sua casa, vai ganhando uma importância social no meio do povo, que a faz ser reconhecida como a madrinha da sociedade.

### ***Ensinar a Ler, Escrever e Contar: Uma Tríade para o Conhecimento***

Dentre tantas atribuições que é dada aos professores, com destaque aos alfabetizados, está a de desenvolver nos seus alunos as habilidades necessárias para a aprendizagem da leitura e da escrita, bem como os saberes necessários para a aprendizagem das operações matemáticas, reconhecidas como base para o desenvolvimento educacional de todas as crianças.

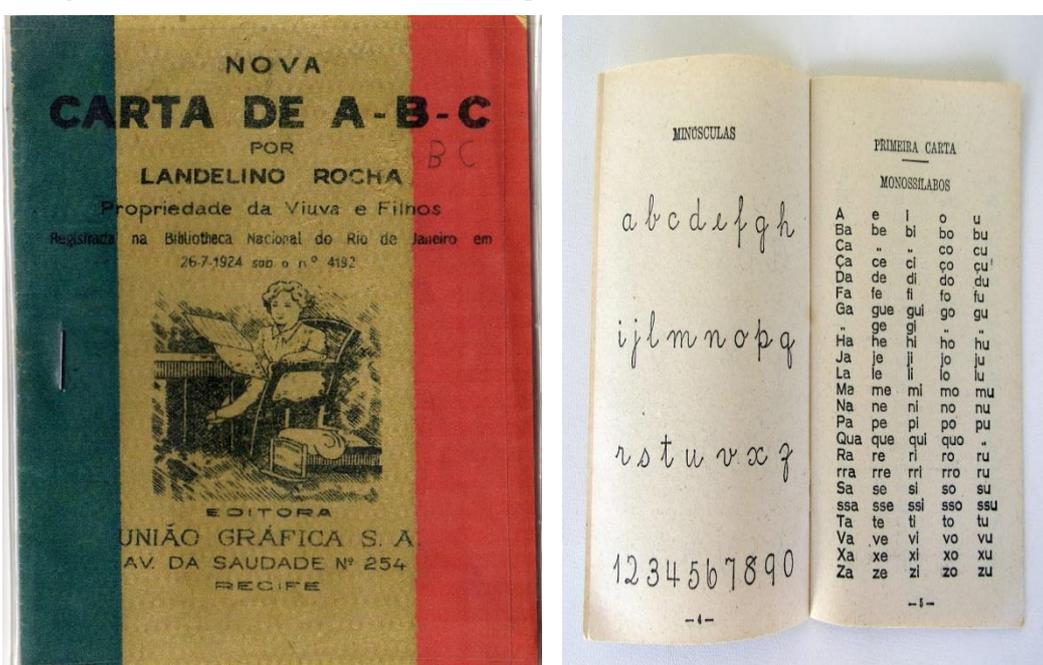
Esta foi uma realidade gritante encontrada por Francisca Pires ao chegar a Vila Luísa nos anos de 1940. Preocupado com a formação dos filhos desta terra, o Padre Ambrósio Silva, pároco da freguesia de São Sebastião de Florânia, ao qual pertencia a Capela de São Vicente Férrer, tinha vínculos de amizade na cidade de Acari/RN, cidade onde residia Francisca Pires e seus familiares, e lá lançou a proposta de trazer a

professora para ensinar a catequese às crianças, o que presumia o ensino da leitura para a sua concretização.

Diante de um quadro de quase absoluto analfabetismo dos seus habitantes, a Vila Luísa inicia um processo de desenvolvimento educacional com a chegada da ilustre moradora. Enxergava-se a necessidade dos habitantes da futura cidade verem o mundo externo a sua realidade. Era preciso ver o mundo como ele é, pois já naquela época acreditava-se no que Edgar Morin (2012, p. 33) afirma hoje “o conhecimento do mundo como mundo é necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital”.

Como relata a ex-aluna Elvira Maria de Medeiros (85 anos), a sala de aula era composta por uma mesa grande, lardeada por dois bancos que serviam de assento para os alunos. Com 7 alunos de cada lado, a professora localizava-se ao centro da mesa, passando as lições que deveriam ser aprendidas pelos alunos e repetidas na aula seguinte. Com a não existência de livros didáticos, quadros, giz e demais itens que foram incorporados a educação posterior, a professora utilizava pequenos cadernos e os papeis de embrulho que os alunos traziam de suas casas, frutos das compras de mercadorias nas mercearias e das poucas cartas do ABC que lhes eram cedidas pelo padre para a educação das crianças e que não poderiam ser rabiscadas, para serem utilizadas por outros alunos.

Imagem 1: Modelo de Carta do ABC utilizada por Francisca Pires nas décadas de 1940 a 1960



Fonte: <http://mecostarte.blogspot.com/2015/04/metodo-abc-cartilha.html>

Fardados com camisas brancas feitas do tecido mescla Santa Isabel, saias azuis com grandes pregas (meninas), e calções azuis (meninos), além do suspensório que era exigido para ambos os sexos, as aulas iniciavam-se no raiar do sol (por volta das 6 horas da manhã) e iam até às 10 horas, horário propício para os alunos pudessem ir para casa e abastecer as suas residências com água trazidas das cacimbas localizadas no Rio Luísa, que circundava a comunidade. Por volta das 8 horas da manhã, as aulas eram suspensas por 15 minutos, com o intuito dos alunos terem um intervalo para lanchar. Este lanche, normalmente cedido pela Igreja local, era composto de produtos regionais, como Rapadura, Batata-Doce, Mandioca, e os feijões Fava e Macassar.

A alfabetização partia dos ensinamentos constantes na Carta do ABC, que deveriam ser decoradas e repetidas no dia seguinte para a professora e para os demais colegas. Os ensinamentos matemáticos eram desenvolvidos pelo método da tabuada e das operações feitas “de cabeça”, pelas quais os alunos necessitam fazer as contas sem a ajuda de nenhum artefato, inclusive contar nos dedos.

Assim desenvolviam-se as atividades educacionais na escola de Francisca Pires de Albuquerque. De maneira simples, com poucos materiais disponíveis e com a ajuda da entidade religiosa, a professora tecia um desenvolvimento social na comunidade local a partir dos ensinamentos educacionais. Tinha o poder de costurar os saberes, partindo da tríade educacional elencada acima e aproveitando dos conhecimentos locais trazidos *a priori* pela vivência dos seus moradores. Buscava sempre na harmonia com a natureza os pressupostos para os ensinamentos extras sala de aulas. E desenvolvia, na comunidade, outros tipos de saberes, que pudessem servir para a vivência do povo em sociedade.

### ***Ensinar a Viver: a Busca pelos Saberes Profissionais e Morais***

Como uma visionária do futuro, Francisca Pires articulava os ensinamentos educacionais e religiosos aos preceitos morais e profissionais que circundavam a comunidade de São Vicente/RN. A economia local se desenvolvia pela prática da agricultura familiar e de subsistência, da confecção de cachimbos e de vassouras de palhas.

Ensinava a seus alunos a necessidade de ajudar aos seus pais na sustentação financeira de suas casas. Como na época ainda não se dispunham de aposentadorias

rurais para os idosos, as pessoas precisavam trabalhar até a velhice, e necessitam da ajuda das novas gerações para o seu sustento.

Desta forma, Francisca Pires procurava desenvolver atividades que pudessem profissionalizar os seus alunos. Diversas foram as discussões entre a professora Francisca Pires, membros da comunidade local representem públicos e os padres Ambrósio Silva e Stanislau Piechel sobre a possibilidade do desenvolvimento de atividades que pudessem ajudar ao povo. Para a delimitação das atividades a serem desenvolvidas, foi acordado que o critério escolhido seria a observação da cultura local como pré-requisito para a implementação das atividades. A Igreja local, que assumia o direcionamento das ações vê na dimensão cultural do povo de São Vicente uma luz para o desenvolvimento das ações, pois acreditavam que “a cultura envolve não só uma concepção do mundo que se traduz em conhecimentos e configurações de ação, mas o travejamento de um pensar e de um sentir articulado num sistema dinâmico de significações simbólicas” (VERGANI, 1995, p. 24). Via nas casas de tecer redes, nas residências que confeccionavam cachimbos e vassouras de palhas, nas mulheres que teciam, bordavam e costuravam e na agricultura familiar caminhos de direcionamentos do progresso.

A professora fundou inicialmente em sua residência uma escola de crochê direcionada às meninas da comunidade, com a parceria com outras mulheres do lugar ensinava esta arte dedicada à confecção de peças para as residências e de varandas para as redes, que eram feitas na comunidade local. Sequencialmente, também foram implantadas aulas de costura, pintura e de artesanato. Estas atividades também eram direcionadas para as jovens que almejavam o matrimônio, que viam na escola de artes de Francisca Pires uma oportunidade de confeccionar os seus enxovais. Entretanto, estas eram atividades apenas para as mulheres, o que deixava os homens da comunidade de fora desses artifícios.

Para os homens, a professora/catequista e o padre Stanislau Piechel sugeriram a aprendizagem de técnicas de agricultura e de criação de animais, para facilitar a convivência com a terra árida e o aumento da produção dos gêneros alimentícios. Também foi implantada na comunidade a casa das abelhas, que ensinava aos varões da comunidade técnicas de apicultura, a fim de direcionar os aportes financeiros dos habitantes. Embora não conhecedores das técnicas educacionais que estavam direcionando e que direcionariam a educação brasileira, Francisca Pires e o Pe.

Stanislau estavam implementando uma educação da inteireza na comunidade, pois procuravam desenvolver saberes que formassem os cidadãos como um todo.

E se faz sentido propugnar por uma ciência da inteireza, supõe-se igualmente lançar as bases para uma educação que facilite a inteireza do sujeito. Nesse sentido, é importante redirecionar os horizontes pedagógicos e educacionais, com vistas a autoformação de sujeitos que se sintam autores de suas narrativas (ALMEIDA, 2017, p. 39)

A estes conhecimentos profissionais e educacionais que eram repassados para a formação intelectual e social do povo, ainda direcionavam os saberes morais e cívicos, que junto aos demais formariam os homens de bem para a comunidade de São Vicente. De acordo com as ex-alunas Maria Ambrosina e Elvira Maria, a catequista e o padre faziam hasteamento da bandeira brasileira nas quintas-feiras e levavam os alunos e outros membros da comunidade para marchar ao som do Hino Nacional Brasileiro, normalmente executado pela banda de música local.

Propiciam também aulas de etiquetas sociais, exigindo que os homens vestissem paletós e as mulheres vestidos longos para irem a atividades cotidianas, como por exemplo, para a Missa e para a feira livre local. Desta forma, a professora Francisca Pires, ao lado das autoridades políticas, sociais e religiosas formava o povo para corresponder aos valores e costumes, mostrando-os como se comportarem diante das adversidades que pudessem surgir e de modo com a crença de desenvolvimento da comunidade que habitavam.

### ***O Saber pela Fé: a Construção de um Conhecimento da Vida***

O ensinamento da fé católica foi algo marcante na vida da professora Francisca Pires de Albuquerque. Concomitante ao ensinar com fins de alfabetizar as crianças e adolescentes e a preparação para a vida com os saberes morais e profissionais, estava presente a formação religiosa, tida como fundamental para que os seus alunos adquirissem os demais conhecimentos elencados.

Sua vida foi dedicada à Deus e aos princípios da fé. Por opção, não contraiu o matrimônio, a fim de dedicar-se inteiramente aos preceitos de evangelização e a construção religiosa da pequena Vila de São Vicente. Inicialmente junto ao Pe. Ambrósio Silva e posteriormente ao Pe. Stanislau Piechel, no período entre 1940 a 1960, direcionou as ações de evangelização da comunidade. Fazia parte de diversos

Movimentos, Pastorais e Serviços da Igreja, tais como: Apostolado da Oração, Filhas de Maria e Catequese. Este último, no qual se dedicou durante toda a sua vida na comunidade de São Vicente, fazia de modo espetacular, preparando as crianças para a Primeira Eucaristia e os jovens e adultos para a Catequese da Crisma.

Figura 2: Apostolado da Oração da Capela de São Vicente, no ano de 1959, dentre os membros Francisca Pires (no centro da foto)



Fonte: Acervo pessoal da Paróquia de São Vicente Férrer – São Vicente/RN

Sua vida foi voltada à vivência da Igreja. Todas as demais funções desenvolvidas, dentre as quais à educacional, partiam de apelos feitos pelos padres para a construção da comunidade. Com o ideal de ajudar o povo de São Vicente a se constituir como cidadão, fazia com que a pequena Vila se desenvolvesse em passos largos para a transformação política, social e religiosa. Francisca Pires entregou sua vida pela fé, dedicando-se à Igreja e ao povo.

A professora/catequista “madrinha Chiquinha Pires”, como é chamada até hoje pelos seus ex-alunos, fazia de sua vida uma missão. Não se detinha apenas aos trabalhos pastorais. Tinha uma visão de uma Igreja moderna, em saída, em busca de princípios que estavam presentes na comunidade e nos ensinamentos da Santa Mãe Igreja.

Não determinava limites para as linhas de conhecimento repassadas aos seus alunos. Costurava aos saberes religiosos, tudo o que podia agregar para a formação do povo. Juntava os saberes científicos que lhes eram inerentes aos ensinamentos morais e de fé. Desenvolvia uma religião da religação, onde a vida devocional do povo se recriava junto a vida social e acadêmica. Assim como Morin nos exorta, propiciava a religião da religação: “Sou a favor de religião de terceiro tipo que é a religação: somos

religados à vida, que é religada a Terra, que é religada a seu Sol, que é religado ao gigantesco cosmo. Somos religados, enfim, a todos os seres que existem em nós, ancestrais, pais” (MORIN, 2014, p. 42).

Através de ações simples, marcados pelos ensinamentos aprendidos na sua adolescência na cidade do Acari/RN, ensinava à catequese as crianças, aos jovens e aos adultos. Inicialmente, suas aulas de catequese eram ministradas na Capela de São Vicente Férrer (Atualmente dedicada a São Francisco de Assis). De acordo com a Sra. Maria Ambrosina de Medeiros (84 anos), uma de suas ex-alunas, a professora subia no “Coro da Igreja” e de lá repassava os ensinamentos sagrados, regados a cânticos e ladainhas, normalmente executados em latim.

Vestida sempre com uma saia e camisa branca ou azul que lhes cobriam todo o braço e as pernas, e com um penteado que lhe era peculiar, direcionava os saberes sagrados com maestria, disciplina e solenidade. Não aceitava piadas e brincadeiras durante as aulas e se alguém descumprisse, seria castigado com sessões de palmatória e colocado no recanto da disciplina, ajoelhado em cima de caroços de milho.

Viu o crescimento religioso da comunidade se desenvolver junto à cidade. No período entre 1947 e 1953 articulou diversas campanhas com seus alunos, pais e toda a comunidade de São Vicente para a construção da Igreja Matriz dedicada a São Vicente Férrer. Conforme relatos das ex-alunas, saía no dia de sábado, quando acontece a feira livre da cidade com uma caixinha, pedindo auxílio para a construção do novo templo, bem como percorria a zona rural da pequena vila em busca da doação de animais e produtos que pudessem ser leiloados para a construção da obra.

Testemunhou com alegria a edificação e inauguração da Igreja Matriz no ano de 1953, bem como vivenciou a emancipação política da cidade em 11 de dezembro de 1954. A criação do novo templo, junto à criação do município de São Vicente RN, foram momentos de grande júbilo para Francisca Pires. Com a elevação da Matriz para a parte alta da cidade, a professora/catequista também se muda, e passa a morar ao lado da Igreja e da Escola Vale de Miranda, uma das primeiras construções do município recém-criado.

Figura 3: Prédio da Escola Vale do Miranda, posteriormente transformada em Escola Municipal Francisca Pires de Albuquerque. Atualmente sedia a Prefeitura Municipal de São Vicente/RN.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Nestes novos ambientes, continua o seu trabalho docente, catequético e social. Agora dispunha de um local propício para a realização das aulas, que deixam de ser realizadas em sua residência.

A criação do novo templo e a chegada no Pe. Stanislau Piechel no ano de 1953 como novo vigário da comunidade de São Vicente intensifica os trabalhos religiosos e sociais que eram desenvolvidos pela professora/catequista. Seus trabalhos educacionais, sociais e religiosos perduraram até o dia 11 de maio de 1960, quando de um mal súbito falece e deixa um ensinamento de vida para a comunidade. Como reconhecimento da sua importância para a comunidade, houve no ano de 1970 a substituição do nome da Escola Municipal Vale de Miranda para Escola Municipal Francisca Pires de Albuquerque, que perdura até os dias atuais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Rememorar a história da formação de uma comunidade é algo prazeroso para os pesquisadores, pois permite não só buscar fatos ocorridos, mas revivê-los. Esta foi a dinâmica utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa. Ao estudar a vida da professora Francisca Pires de Albuquerque, foi possível perceber os efeitos da ação catequética e missionária da Igreja Católica conseguiu transformar a realidade de um povo.

Em consonância com os ideais de desenvolvimento social e religioso almejado pela Igreja local, a professora inicia o seu trabalho com a implantação de uma escola de alfabetização para as crianças da comunidade e ao redor da escola cresce a fé e a cidadania. Trabalhando por muitos anos na sala de estar de sua residência, a educadora utilizou de materiais simples, mas significativos para o desenvolver educacional daquele povo. Utilizando uma mesa e bancos de madeira, bem como as cartas de ABC e Taboadas fornecidas pela entidade religiosa, conseguiu escrever na vida dos habitantes da vila Luisa o orgulho do pertencimento ao seu lugar e desejo de emancipação política.

Com maestria, vai fazendo a religação dos saberes educacionais propostos pelos materiais didáticos com a vida cotidiana da população, incluindo a formação cívica, profissional e religiosa. Utiliza-se dos saberes pertinentes, aqueles que têm significados para a vida da comunidade para ressignificar a sua vivência no povoado que escolheu como moradia, e desempenhar as funções que a ela foram confiadas.

Foi aos poucos ensinando as crianças, aos jovens, aos adultos e idosos novas formas de viver. Buscou junto a comunidade elos de sentido que justificavam a necessidade de uma luta diária pelo conhecimento. Permeando as diversas áreas do saber, com destaque para a educacional e religiosa, propiciava uma educação complexa, não presa a ideologias e conteúdos prontos, mas aberta aos anseios sociais que surgiam na formação da nova cidade.

Frutos do seu trabalho testemunhou o desenvolvimento educacional, social e religioso da comunidade, que culminou com a emancipação política da Vila Luísa, constituindo-se agora Cidade de São Vicente /RN. Com uma grande coragem e visão de futuro, buscou na religião e na educação fundamentos de sustentabilidade de um povo. Foi uma mulher que soube viver e que acreditou que a vida é feita de coragem e determinação e que é preciso saber e buscar os melhores modos de viver.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Maria da Conceição de. *Ciências da Complexidade e Educação: Razão Apaixonada e Politização do Pensamento*. 2ª ed. Curitiba: Appris, 2017.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. REIS, Mônica Karina Santos. *Emergências de Complexidade, Reinvenção da Universidade*. Natal, RN: EDUFRN, 2018.

COSTA, Ricardo. *A Carta do ABC*. Disponível em: <http://mecostarte.blogspot.com/2015/04/metodo-abc-cartilha.html>. Acesso em: 05/09/2020

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANÇA, Fagner Torres de. ALMEIDA, Maria da Conceição de. *Sociologia do Presente, Ciência da Cultura, Complexidade*. Natal, EDUFRN, 2019.

MORIN, Edgar. *Meus Demônios*. Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meirelles. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ciência com Consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. *Os Sete Saberes Necessários À Educação Do Futuro: Por Uma Educação Transformadora*. Maria Cândida Moraes e Maria da Conceição de Almeida (org). Rio de Janeiro: Wak editora, 2012.

\_\_\_\_\_. *Meus filósofos*. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perrasi Bosco. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

OS VIPS. *É Preciso Saber Viver*. Amazon, 1968. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/titas/48967>. Acesso em 10/09/2020.

VERGANI, Teresa. *Excrementos do Sol: a Propósito de Diversidades Culturais*. Lisboa/Portugal, Pandora Editora, 1995.